



Vaz, da Fundação Vale: investimento de US\$ 900 milhões na área ambiental em 2009, 20% a mais do que em 2008

O caminho sem volta para garantir o futuro

Empresas que mantêm investimentos em sustentabilidade candidatam-se a se sair melhor em turbulências como as atuais

Quem não abre mão de investimentos socioambientais, mesmo quando a economia esfria, sabe que olhar no futuro é garantia de sobrevivência. "Sustentabilidade é caminho sem volta", diz Luis César Stano, gerente de segurança e meio ambiente da Petrobras. Por isso mesmo, a companhia não alterou a meta de US\$ 8,5 bilhões para as ações de melhoria na qualidade dos com-

bustíveis até 2012. Só para a área de biocombustíveis, quase dobrou os investimentos, de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 2,8 bilhões. Como a Petrobras tem grandes reservas de petróleo e gás em relação aos concorrentes, Stano acredita que com a queda das cotações do petróleo também ocorrerá um recuo nos preços dos equipamentos. "Haverá mais folga para investir em biocombustíveis e, por extensão,

maiores oportunidades no contexto mundial."

Para oferecer produtos sustentáveis no longo prazo, a Petrobras está atenta aos impactos ético, econômico e ambiental. Uso e reúso de água são ao mesmo tempo prioridade e diretriz competitiva. Para uma média de produção diária de 2,4 milhões de barris de petróleo e gás natural, a Petrobras capta 216 milhões de metros cúbicos (m³)

de água doce, segundo dados de 2007. Desse total, 7 milhões foram reutilizados no período.

Nas 150 unidades, no Brasil e no exterior, a preocupação também é grande com a emissão de CO₂ durante os processos produtivos. "Nosso diferencial é que sabemos quanto emitimos e como fazer esse inventário", assegura Stano. Para o quinquênio 2009-2013, a Petrobras deixará de emitir cerca de 24 milhões de toneladas de CO₂. O número é significativo, porque a companhia foi responsável pela emissão de 49 milhões de toneladas de CO₂. "Nossa meta de redução é voluntária; vamos evitar a emissão de gás do efeito estufa, porque sabemos que a sociedade está preocupada."

A eficiência no desempenho dos processos se estende também aos gastos com energia. "Cada vez mais as pessoas querem prestigiar empresas que têm programas socioambientais", diz Stano. "Embora essa preocupação do consumidor nem sempre esteja presente na hora da compra, precisamos estar preparados para essa mudança, que está próxima, e garantir produtos de melhor qualidade ambiental e de saúde."

Há também resultados imediatos como a permanência da Petrobras no índice Dow Jones de Sustentabilidade e a inclusão no Global Report Initiative (GRI), entidade que dissemina e cobra padrões de sustentabilidade das companhias. "Nosso plano de negócios contempla o aumento dos investimentos na área ambiental", diz Stano. Períodos de crise, segundo ele, "são uma boa oportunidade para expor a diferença entre as empresas que confundem sustentabilidade com marketing e aquelas que adotaram a conduta como forma de fazer negócios. Quem faz por convicção não vai voltar atrás por causa da crise".

Da mesma forma, a convicção de que investimentos na área ambiental e crise não são incompatíveis está presente na Vale. Apesar da queda vertiginosa das expor-

tações de minério de ferro, os investimentos na área ambiental aumentarão 20% na comparação com o ano passado; em 2009 serão de US\$ 900 milhões, segundo o presidente da Fundação Vale, Silvio Vaz. "Queremos deixar um legado de conhecimento institucionalizado nas localidades onde a Vale atua. Assim, quando a mineração se esgotar, o conhecimento deixado ganhará perenidade", afirma Vaz. A companhia planeja a construção de 30 estações do conhecimento, que vão beneficiar 30 mil crianças até 2012 nos 85 municípios onde a empresa mantém atividades.

O projeto está orçado em US\$ 1,4 bilhão. Cada estação do conhecimento tem 10 alqueires, capacidade para atender 120 famílias e custa R\$ 4 milhões. Os módulos podem incluir a produção de flores, frutas, a criação de frangos, porcos, gado leiteiro e produção de mel, de acordo com a vocação regional. Para os pais, o modelo será de produção; para os filhos, terá foco profissionalizante. "O objetivo é construir uma escola agrícola que se descole do conceito de escola convencional e tenha ênfase no desenvolvimento humano", diz Vaz. Serão feitos diagnósticos em cada propriedade - sempre com a preocupação de integrar a eficiência da produção à demanda do mercado e ao que as pessoas gostam de fazer.

"A organização da comunidade e os arranjos produtivos devem caminhar em harmonia para desenvolver a região", afirma Vaz. Haverá apoio técnico e qualificação profissional, além de uma marca única da comunidade, como se fosse uma associação empresarial, com selo comum, escala de processamento e distribuição. "Buscamos o desenvolvimento profissional, emocional e físico", explica Vaz.

A empresa que não interrompe seus investimentos em sustentabilidade pode se sair melhor nestes tempos bicudos. A dedução é de Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos e participante atento do Fórum Econômico Mundial.

"A crise é grave, mas as empresas que adotaram uma gestão de negócios que mescla bons resultados financeiros com uma gestão preocupada com a sociedade e com os impactos ambientais estão enfrentando a situação bem melhor", diz.

Tais razões, alinhadas com outras, atraiu, para o Brasil, as atenções em Davos (Suíça) como uma das economias em condições de sair mais cedo e melhor da turbulência. "Temos fundamentos econômicos seguros, mesmo com a crise pegando fogo; somos uma democracia estável; tomamos a dianteira na questão das energias renováveis; o mercado brasileiro vem aumentando a inclusão social e cresce a taxas estáveis; e não temos risco de trepidações políticas", diz. "Muitos empresários estrangeiros veem o Brasil como um bom lugar para investir." Há alguns elementos, segundo Young, que explicam o fato de o Brasil ser a bola da vez entre os emergentes. "Enquanto se destaca na América Latina, não tem a insegurança no governo como a China e é uma democracia consolidada, ao contrário da Índia."

São vantagens capazes de fazer toda a diferença na travessia em direção a dias melhores. Sérgio Amoroso, presidente do Grupo Orsa, está otimista. Segundo ele, mesmo que o preço da celulose, cotada em agosto de 2008 a US\$ 840 a tonelada, tenha caído para US\$ 420 em janeiro de 2009, o fato de o país possuir instituições financeiras sólidas e endividamento baixo fará a diferença. "Todos sofrem com a crise, mas quem se posicionou bem diante da sustentabilidade tem melhores chances de se recuperar", afirma.

Outros pontos positivos em termos de sustentabilidade, de acordo com Amoroso, são: o Brasil tem 84% da floresta amazônica; o álcool já é uma alternativa de combustível limpo; o agronegócio é equilibrado; porcos e frangos são criados com milho e soja; e existe a possibilidade de investimento a

GESTÃO SUSTENTÁVEL

custo baixo. Como o Grupo Orsa é um grande fornecedor de madeira certificada, ele acredita que a saída da crise pode estar também na criação de empregos verdes. "Se o mercado mundial de madeira fosse certificado, retiraria todos os trabalhadores da informalidade e aumentaria a demanda de empregos", destaca. Mas a perspectiva de Amoroso vai além-fronteiras. "Essa crise é a grande chance de levar desenvolvimento para os dois terços de pessoas mais pobres do mundo; e o Brasil tem empresas em condições de apontar caminhos sustentáveis e equilibrados em direção a essa saída."

Empresa que opta pela sustentabilidade, enfim, tem custo de capital mais barato, atrai e retém talentos, diminui riscos e conflitos e cria valor, na opinião de Mario Monzoni, da FGV Projetos, empresa de consultoria da Fundação Getulio Vargas. "A crise vai

fazer com que o investidor procure agora ativos de qualidade, e não quantidade, no curto prazo", diz. Diante desse cenário, ele acredita que a sustentabilidade vai ganhar mais força. "Para descobrir quem é quem, é só analisar as empresas que estão naufragando e confrontar com seu modelo de gestão e governança."

Visão de longo prazo é a tradução que faz desse modelo de gestão Nelson Kawakami, diretor executivo da Green Building Council (GBC) Brasil. "Quando a crise econômica tem alcance mundial, o problema é de sustentabilidade", afirma. "Não há dúvida de que o consumidor está preocupado com isso." Para ilustrar, ele diz que cerca de 35% das pessoas são atraídas pelo marketing dos edifícios verdes. Embora as grandes construtoras estejam preocupadas com a nova ordem, apenas 1% das edificações ostenta o selo verde. Mes-

mo assim, Kawakami está otimista. Em 2006, o GBC Brasil tinha apenas quatro obras enquadradas em seus índices; em 2007, o número subiu para 47; em 2008, para 100. "A previsão é de 200 em 2009, apesar da crise."

Investir em bens de raiz é a grande saída para a crise, segundo Luiz Henrique Ceotto, diretor da Tishman Speyer, incorporadora especializada em edificações verdes. Na construção civil, sustentabilidade custa entre 3% e 5% mais caro em relação aos prédios convencionais. "Mas a vantagem é no médio e longo prazos, porque edifícios sustentáveis têm reciclagem a cada 50 anos, enquanto que muitos prédios convencionais podem ficar obsoletos em menos de dez." Imóvel sustentável produz, por exemplo, uma economia de 50% na água das torneiras e nos banheiros em relação a um prédio convencional.



Stano, da Petrobras: menos de 24 milhões de toneladas de CO₂ emitidas durante o quinquênio 2009-2013



Monzoni, da FGV Projetos: na crise, os investidores vão atrás de ativos de qualidade, não de quantidade

SUSTAINABLE MANAGEMENT BY SILVIA TORIKACHVILI

PATH OF NO RETURN TO GUARANTEE THE FUTURE

Companies that maintain investments in sustainability will emerge stronger from turbulent times

Companies that refuse to shelve their socioenvironmental investments, even when the economy slows down, understand that looking to the future is a way of ensuring survival. "Sustainability is a path of no return," says Luis César Stano, manager of safety and the environment for Petrobras. For this reason the company has not altered its goal of investing US\$ 8.5 billion in actions to improve the quality of its fuels by 2012. In the area of biofuels alone the company has increased its investments from US\$ 15 billion to US\$ 2.8 billion. Since Petrobras has very large oil and gas reserves in relation to its competitors, Stano believes that with the fall in oil prices the cost of equipment should also retreat. "There will be more room to invest in biofuels and, by extension, greater opportunities on a world level."

To offer long-term sustainable products, Petrobras pays careful attention to ethical, economic and environmental impact. Utilizing and reutilizing water is at the same time a priority and a competitive directive. For an average daily production of 2.4 million barrels of oil and natural gas, Petrobras uses 216 million m³ of fresh water, according to data from 2007 of this total, 7 million m³ was reused over the period.

The company is also concerned about CO₂ emissions during productive processes at its 150 units in Brazil and abroad. "Our differential is that we know how much we emit and how to keep track of this inventory," ensures Stano. For the 2009-2013 period Petrobras plans to reduce CO₂ emissions by about 24 million tons, which is very significant because the company is responsible for emitting 49 million tons of CO₂

The efficiency in processes also extends to energy spending. "More and more frequently people are valuing companies that have socioenvironmental programs," affirms Stano.

The new concern has been generating results - such as Petrobras' permanence on the Dow Jones Sustainability Index and its inclusion in the Global Reporting Initiative, an entity that disseminates and sets sustainability standards for companies. "Our business plan includes more investments in the environmental area," says Stano.

Following suit, Vale is convinced that investing in the environment and weathering a crisis are not incompatible. Despite the dizzying drop in iron-ore sales, the company plans to increase environmental investments by 20% compared to last year. In 2009 alone Vale should inject US\$ 900 million into the area, according to the president of Fundação Vale, Silvio Vaz. "We want to leave a legacy of institutionalized knowledge in the places where Vale operates. Then, when the ore is exhausted, the knowledge earned will become perennial," notes Vaz. The company plans to construct 30 knowledge stations that will benefit 30,000 children by 2012 in the 85 municipalities where it has operations.

With an overall budget of US\$ 1.4 billion, each knowledge station spans 22 hectares, has the capacity to attend to 120 families and costs R\$ 4 million. The modules can include production of flowers, fruit, chickens, pigs, dairy cows and honey, depending on the regional vocation. For parents, the model will aim at production; for their chil-

custo baixo. Como o Grupo Orsa é um grande fornecedor de madeira certificada, ele acredita que a saída da crise pode estar também na criação de empregos verdes. "Se o mercado mundial de madeira fosse certificado, retiraria todos os trabalhadores da informalidade e aumentaria a demanda de empregos", destaca. Mas a perspectiva de Amoroso vai além-fronteiras. "Essa crise é a grande chance de levar desenvolvimento para os dois terços de pessoas mais pobres do mundo; e o Brasil tem empresas em condições de apontar caminhos sustentáveis e equilibrados em direção a essa saída."

Empresa que opta pela sustentabilidade, enfim, tem custo de capital mais barato, atrai e retém talentos, diminui riscos e conflitos e cria valor, na opinião de Mario Monzoni, da FGV Projetos, empresa de consultoria da Fundação Getúlio Vargas. "A crise vai

fazer com que o investidor procure agora ativos de qualidade, e não quantidade, no curto prazo", diz. Diante desse cenário, ele acredita que a sustentabilidade vai ganhar mais força. "Para descobrir quem é quem, é só analisar as empresas que estão naufragando e confrontar com seu modelo de gestão e governança."

Visão de longo prazo é a tradução que faz desse modelo de gestão Nelson Kawakami, diretor executivo da Green Building Council (GBC) Brasil. "Quando a crise econômica tem alcance mundial, o problema é de sustentabilidade", afirma. "Não há dúvida de que o consumidor está preocupado com isso." Para ilustrar, ele diz que cerca de 35% das pessoas são atraídas pelo marketing dos edifícios verdes. Embora as grandes construtoras estejam preocupadas com a nova ordem, apenas 1% das edificações ostenta o selo verde. Mes-

mo assim, Kawakami está otimista. Em 2006, o GBC Brasil tinha apenas quatro obras enquadradas em seus índices; em 2007, o número subiu para 47; em 2008, para 100. "A previsão é de 200 em 2009, apesar da crise."

Investir em bens de raiz é a grande saída para a crise, segundo Luiz Henrique Ceotto, diretor da Tishman Speyer, incorporadora especializada em edificações verdes. Na construção civil, sustentabilidade custa entre 3% e 5% mais caro em relação aos prédios convencionais. "Mas a vantagem é no médio e longo prazos, porque edifícios sustentáveis têm reciclagem a cada 50 anos, enquanto que muitos prédios convencionais podem ficar obsoletos em menos de dez." Imóvel sustentável produz, por exemplo, uma economia de 50% na água das torneiras e nos banheiros em relação a um prédio convencional.

Stano, da Petrobras: menos de 24 milhões de toneladas de CO₂ emitidas durante o quinquênio 2009-2013





Monzoni, da FGV Projetos: na crise, os investidores vão atrás de ativos de qualidade, não de quantidade

SUSTAINABLE MANAGEMENT BY SILVIA TORIKACHVILI

PATH OF NO RETURN TO GUARANTEE THE FUTURE

Companies that maintain investments in sustainability will emerge stronger from turbulent times

Companies that refuse to shelve their socioenvironmental investments, even when the economy slows down, understand that looking to the future is a way of ensuring survival. "Sustainability is a path of no return," says Luis Cesar Stano, manager of safety and the environment for Petrobras. For this reason the company has not altered its goal of investing US\$ 8.5 billion in actions to improve the quality of its fuels by 2012. In the area of biofuels alone the company has increased its investments from US\$ 1.5 billion to US\$ 2.8 billion. Since Petrobras has very large oil and gas reserves in relation to its competitors, Stano believes that with the fall in oil prices the cost of equipment should also retreat. "There will be more room to invest in biofuels and, by extension, greater opportunities on a world level."

To offer long-term sustainable products, Petrobras pays careful attention to ethical, economic and environmental impact. Utilizing and reutilizing water is at the same time a priority and a competitive directive. For an average daily production of 2.4 million barrels of oil and natural gas, Petrobras uses 216 million m³ of fresh water, according to data from 2007. Of this total, 7 million m³ was reused over the period.

The company is also concerned about CO₂ emissions during productive processes at its 150 units in Brazil and abroad. "Our differential is that we know how much we emit and how to keep track of this inventory," ensures Stano. For the 2009-2013 period Petrobras plans to reduce CO₂ emissions by about 24 million tons, which is very significant because the company is responsible for emitting 49 million tons of CO₂.

The efficiency in processes also extends to energy spending. "More and more frequently people are valuing companies that have socioenvironmental programs," affirms Stano.

The new concern has been generating results - such as Petrobras' permanence on the Dow Jones Sustainability Index and its inclusion in the Global Reporting Initiative, an entity that disseminates and sets sustainability standards for companies. "Our business plan includes more investments in the environmental area," says Stano.

Following suit, Vale is convinced that investing in the environment and weathering a crisis are not incompatible. Despite the dizzying drop in iron-ore sales, the company plans to increase environmental investments by 20% compared to last year. In 2009 alone Vale should inject US\$ 900 million into the area, according to the president of Fundação Vale, Silvio Vaz. "We want to leave a legacy of institutionalized knowledge in the places where Vale operates. Then, when the ore is exhausted, the knowledge earned will become perennial," notes Vaz. The company plans to construct 30 knowledge stations that will benefit 30,000 children by 2012 in the 85 municipalities where it has operations.

With an overall budget of US\$ 1.4 billion, each knowledge station spans 22 hectares, has the capacity to attend to 120 families and costs R\$ 4 million. The modules can include production of flowers, fruit, chickens, pigs, dairy cows and honey, depending on the regional vocation. For parents, the model will aim at production; for their chil-

Embora os produtos custem de três a quatro vezes mais que os convencionais, a caixa d'água pode ser menor, porque o consumo do prédio vai ser 50% menor. Isolamento acústico e maior passagem da luz também reduzem custos, porque não há necessidade de lâmpadas acesas o dia inteiro. Vale a pena investir em imóveis? Ceotto garante que sim. "Basta analisar quem investiu em papéis e quem investiu em imóveis", desafia. "Os fundos imobiliários registraram perda bem menor que as ações desde o início da crise." O investimento de 3% a 5% a mais nos verdes, segundo ele, se paga em dois ou três anos. "Mais que vantagem ética, sustentabilidade é vantagem econômica; as pessoas vão se convencer disso quando começarem a fazer contas."

O Banco Real, agora integrado ao Grupo Santander Brasil, sabe bem o que representa para uma instituição a questão da susten-

tabilidade. "Ainda que tenha havido desaceleração, não estamos com a economia parada", diz Linda Murasawa, superintendente de desenvolvimento sustentável do Santander Brasil. "Continuamos nosso trabalho na elaboração da sustentabilidade para que nossos clientes conheçam as práticas, os caminhos e os desafios dessa nova ordem", diz. Foram 13 workshops em 2008 e serão mais 13 em 2009. Cada evento reúne 120 participantes durante dois dias para que eles entrem em contato com as vantagens de uma gestão sustentável.

"A cada evento reunimos 60 empresas, que comparecem sempre com dois funcionários, e compartilhamos informações", diz Linda. O objetivo é multiplicar, cada vez mais, o desejo de empresas de qualquer tamanho tocar negócios sustentáveis. "É assim que teremos uma carteira maior de clientes sustentáveis e, portanto, de menos risco para o banco."

O Real intensificou as práticas sustentáveis a partir de 2001, com o objetivo de mostrar que esse era o caminho para quem quisesse perenizar sua organização. "Ações sólidas continuam valendo, mesmo em épocas de turbulência, e isso é o que distingue as companhias", afirma Linda. "Empresas com valores frágeis se abalam com qualquer movimento de crise; empresas que adotaram a atitude como estratégia ostentam outra postura nesses tempos."

Para Linda, enfim, sustentabilidade é o tipo de decisão empresarial que não tem volta. "Se no passado investiu R\$ 100 e hoje vai investir R\$ 2, a empresa prova que não acreditava naquilo que fez e vai passar para o mercado uma imagem confusa", destaca. O resultado é que o funcionário e o cliente vão deixar de acreditar, o mercado perceberá o engano e todo o investimento passado terá sido inútil.

SUSTAINABLE MANAGEMENT

dren, it will be vocational. "The objective is to build an agricultural school that departs from the concept of a conventional school and emphasizes human development," informs Vaz.

A company that does not interrupt its sustainability investments during an economic crisis can emerge even stronger, affirms Ricardo Young, president of the Ethos Institute and a participant in the World Economic Fórum. "The crisis is serious, but companies that adopt a business management strategy which mixes good financial results with a concern for society and the environment are faring the situation much better," he says.

These reasons, among others, led Davos to identify Brazil as one of the economies that could overcome the turbulence earlier and better. "We have solid economic fundamentals, even with the crisis spreading; we are a stable democracy; we have taken the lead in the question of renewable energy; the Brazilian market is increasing social inclusion and growing at stable rates," he explains. "Many foreign entrepreneurs see Brazil as a good place to invest."

These advantages are capable of making all the difference when navigating towards better days. Sérgio Amoroso, president of the Orsa group, is optimistic. Even after the price for a ton of pulp plummeted from US\$ 840 in August 2008 to US\$ 420 in January 2009, he says the fact that Brazil has solid financial institutions and low indebtedness will make the difference. Companies that opt for sustainability have a lower cost of capital, attract and keep talent, reduce risks and conflicts and create value, argues Mario Monzoni of FGV Projetos, a consulting company firm operated by the Getúlio Vargas Foundation. "The crisis will encourage investors to seek assets with quality rather than quantity in the short term," says Monzoni.

Given this scenario, he believes that sustainability will become more prevalent. "To find out who is who, just analyze the companies that are funding and take a look at their management and governance models."

Nelson Kawakami, executive-director of the Green Building Council (GBC) Brasil, says that "when an economic crisis reaches a global level, the problem is sustainability. There is no doubt that consumers are concerned about this." Even though large construction companies are increasingly concerned about the new order, only 1% of contractors have a green seal. In 2006 GBC Brasil certified only four works. By 2007 the number had risen to 47 and in 2008, 100. "We are forecasting 200 for 2009, despite the crisis."

Investing in basic goods is the best strategy to escape the crisis, says Luiz Henrique Ceotto, director of Tishman Speyer, an incorporator specializing in green constructions. In civil construction, sustainable buildings cost between 3% and 5% more than conventional buildings. "But the advantages come in the medium and long terms, because sustainable buildings only need to be recycled every 50 years, while many conventional buildings can become obsolete in less than ten." A sustainable building produces 50% savings from faucets and bathrooms in relation to a conventional building.

Banco Real, now integrated into Grupo Santander Brasil, knows well what a company's sustainability history represents. "Even though there has been a deceleration, the economy is not at a standstill," says Linda Murasawa, superintendent of sustainable development for Santander Brasil. "We continue our work in developing sustainability so that our customers can learn about the practices, paths and challenges of this new order," she informs. The bank held 13 workshops in 2008.